

editorial

Heróis de ontem N. 14/6/82 combatentes de hoje

• A homenagem de um País àqueles que combateram pela sua libertação não se faz apenas com palavras. Faz-se com actos de justiça. Faz-se com a consagração quotidiana dos princípios pelos quais esses combatentes deram as suas vidas.

A reunião que o Presidente Samora Machel conduziu durante quatro dias na cidade da Beira com os combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional foi um momento alto da vida do País. A discussão franca e aberta permitiu compreender a dimensão e importância do correcto enquadramento daqueles patriotas.

Já em 1981 o Presidente Samora Machel criticara a marginalização de que os combatentes da luta armada estavam a ser alvo e determinara a necessidade urgente da sua completa integração em todas as frentes de luta do País.

A presente reunião abriu as portas para esse enquadramento, de forma a que toda a energia e inteligência desses militantes se aplique na defesa da Pátria, na batalha económica, na reconstrução do País.

Nas intervenções, que realizaram, os combatentes demonstraram como neles se mantêm vivos o espírito de luta, a sensibilidade para com a infiltração inimiga, a total e desinteressada entrega às exigências da luta de classes. Eles denunciaram a tentativa de, em alguns lugares do Aparelho de Estado e sob o pretexto de exigências técnicas, se estar a atentar contra os princípios e métodos de trabalho que são conquista da luta de libertação. Essa inversão de prioridade entre a técnica e política foi a causa sentida para a sua discriminação em muitos casos.

A disponibilidade que estes combatentes mostraram para, de novo, pegarem em armas para defenderem a Pátria, a sua intransigente defesa da integridade da linha política do Partido, demonstram a vitalidade militante que nega a denominação de «antigos combatentes».

Estes homens estão prontos para as tarefas mais exigentes, ofereceram-se para as frentes de combate em que mais se manifesta a incompatibilidade da luta com o conforto e a acomodação. Oferecendo-se para a primeira linha do combate contra os bandidos, oferecendo-se para combater nos sectores estratégicos da economia eles demonstraram que, para os revolucionários, a recompensa dos sacrifícios não é a instituição de privilégio pessoal, mas a de ver viver os ideais que lançaram como sementes no solo fértil da Revolução.

A homenagem que Moçambique faz aos que libertaram a sua terra e os seus homens não se fica pela referência da sua inesquecível memória. Aos que abriram os primeiros trilhos, que depois se transformaram nos grandes caminhos da liberdade, o verbo LUTAR PELO POVO será sempre pronunciado no presente.